

PESQUISA COM NARRATIVA VISUAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS

RESEARCH WITH VISUAL NARRATIVE: A REPORT OF EXPERIENCE IN SECONDARY
STUDENT OCCUPATIONS

INVESTIGACIÓN CON NARRATIVA VISUAL: INFORME DE EXPERIENCIA EN OCUPACIONES
DE ESTUDIANTES SECUNDARIOS

Raquel Silva Barros¹

Manuscrito recebido em: 31 de março de 2021.

Aprovado em: 29 de maio de 2021.

Publicado em: 09 de junho de 2021.

Resumo

O presente artigo traz o relato de uma pesquisa doutoral que utiliza a narrativa visual como abordagem metodológica. O estudo finalizado em 2020 aponta o ato de narrar através de visualidades pautado no conceito de Cultura Visual. Atrelando a imagem a todo o constructo contextual ao qual ela se relaciona, buscou-se a compreensão da tessitura narrada por jovens em ocupações estudantis secundaristas. As imagens produzidas e compartilhadas pelos estudantes através de dispositivos móveis conectados em rede promoveram ações ativistas através das mídias. A observação das visualidades publicadas em páginas do Facebook e a escuta realizada em eventos abertos da ocupação permitiam a compreensão das principais temáticas trazidas e debatidas no contexto do movimento. O texto aponta a itinerância da pesquisa e as possibilidades encontradas ao se pensar as narrativas com/através de visualidades. Um recorte das visualidades percebidas na pesquisa maior é trazido no texto como forma de dialogar com as dinâmicas pensadas no percurso.

Palavras-Chave: Imagem; Narrativas; Jovens; Ativismo político; Educação.

Abstract

This article presents the report of a doctoral research that uses the visual narrative as a methodological approach. The study completed in 2020 points out the act of narrating through visualities based on the concept of Visual Culture. Linking the image to the entire contextual construct to which it relates, we sought to understand the fabric narrated by young people in high school student occupations. The images produced and shared by students through mobile devices connected in a network promoted activist actions through the. Observation of the visualities published on Facebook pages and listening at open occupation events allowed the understanding of the main themes brought up and debated in the context of the movement. The text points out the itinerancy of the research and the possibilities found in the course of the research when thinking about the narratives with/through visualities. A snapshot of the visualities perceived in the

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro e Rede Municipal de Educação de Mesquita. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1257-0874>

Contato: raquelsb23@gmail.com

larger research is brought in the text as a way of dialoguing with the dynamics thought along the way.

Key words: Image; Narratives; Young; Politic Activism; Education.

Resumen

Este artículo presenta el informe de una investigación doctoral que utiliza la narrativa visual como enfoque metodológico. El estudio realizado en 2020 señala el acto de narrar a través de visualidades basadas en el concepto de Cultura Visual. Vinculando la imagen a todo el constructo contextual con el que se relaciona, buscamos comprender el tejido narrado por los jóvenes en ocupaciones de estudiantes de secundaria. Las imágenes producidas y compartidas por los estudiantes a través de dispositivos móviles conectados en una red promovieron acciones activistas a través de los medios. La observación de las visualidades publicadas en las páginas de Facebook y la escucha en los eventos de ocupación abierta permitieron comprender los principales temas planteados y debatidos en el contexto del movimiento. El texto señala la itinerancia de la investigación y las posibilidades encontradas en el transcurso de la investigación al pensar en las narrativas con / a través de visualidades. Una instantánea de las visualidades percibidas en la investigación más amplia se trae en el texto como una forma de dialogar con las dinámicas pensadas en el camino.

Palabras-Clave: Imagen; Narrativas; Joven; Activismo político; Educación.

Introdução

Este artigo descreve a perspectiva da narrativa visual como possibilidade de estudo metodológico para pesquisas com visualidades. A abordagem trazida neste texto parte do estudo doutoral realizado no período de 2016 a 2020 em Ocupações Estudantis Secundaristas no Estado do Rio de Janeiro. A partir da utilização de dispositivos conectados em rede, os jovens ocupantes registravam suas ações e teciam suas narrativas nas redes sociais. Buscando compreender as itinerâncias da construção desse movimento a partir das imagens disparadas/narradas/contadas pelos estudantes, a narrativa pensada a partir da perspectiva da visualidade, foi pensada no estudo.

O trilhar de uma pesquisa requer pensar em uma metodologia que norteará o constructo da investigação a ser realizada. Diversas são as possibilidades de inspiração e ancoragem que possibilitam uma compreensão do contexto a ser observado. Sendo assim, a opção metodológica que irá orientar o estudo deve ser pensada desde o início do processo de pesquisa. Muitos questionamentos em relação aos passos a serem tomados surgem nesse processo e a escolha de uma abordagem investigativa orientadora culmina por ser uma questão de grande hesitação.

O objeto de estudo da pesquisa realizada investigou páginas criadas no *Facebook* por jovens ocupantes de escolas secundaristas no Estado do Rio de Janeiro. Entre dezembro de 2015 e janeiro de 2017, escolas de todo o país tiveram seus espaços ocupados pelos estudantes. A ocupação ocorreu em dois momentos. O primeiro momento iniciado no Estado de São Paulo em escolas estaduais e o segundo momento marcado por ocupações em institutos e colégios federais. Dentre as pautas e reivindicações apresentadas, eles pediam a melhoria na estrutura das escolas, condições mínimas para funcionamento, repúdio à PEC 55 e revogação do fechamento de diversas escolas.

Nesse movimento engendrado pelos jovens, eles produziam e compartilhavam imagens relacionadas às ações realizadas nas ocupações. O interesse de estudo buscou analisar as imagens que eles veiculavam nas páginas do *Facebook*. De que temas tratavam, quais eram as relações que essas imagens estabeleciam para o movimento de ocupação dos jovens? Estudamos a página de três escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro.

Além do acompanhamento das páginas, realizou-se visitas em eventos abertos das ocupações com o objetivo de dialogar com os jovens sobre as imagens que eles produziam e escolhiam publicar. A escuta, nessa relação de estar junto, se mostrou como possibilidade nesses momentos de visita. Questões disparadoras eram lançadas e a partir daí realizava-se o processo de escuta das narrativas, presenciando em alguns momentos a produção dessas imagens nos eventos que, através de suas lentes, narravam os acontecimentos. Toda essa relação buscava a compreensão das ações engendradas através de seus dispositivos móveis conectados em rede e lançadas nas páginas do *Facebook*.

Buscando compreender essas ações e seus desdobramentos para o movimento, a itinerância da pesquisa desenvolvida investiga a narrativa através de visualidades. Para este estudo, é trazido o desenho que se construiu nesse processo de desenvolvimento da pesquisa, do pensar-se como pesquisadora e da reflexão sobre o processo de pesquisa como investigação de formas possíveis e não determinadas.

A pesquisa com narrativa visual

O entendimento do que vem a ser considerado a metodologia da pesquisa ajuda-nos na compreensão dos seus limites e possibilidades que acercam o campo de estudo. O caminho, o percurso, a trajetória, sem linhas de chegada ou de saída, mas o processo. Como foi realizada a construção da pesquisa? Como se chegou a pensar nos elementos que perfazem esse caminho? Mais do que optar por esta ou aquela metodologia trata-se de compreender o campo de estudos no qual a/o pesquisadora/o encontra-se inserida/o e as características atuais da sociedade a que pertence.

A pesquisa com imagens, no campo da percepção da visualidade, se insere em um terreno de compreensão das situações contextuais às quais a imagem se apresenta. Para além da interpretação da imagem, a investigação que parte do entendimento da Cultura Visual compreende o ato de ver como um ato cultural que recebe influências e são impactados pelo constructo social ao qual ela se encontra. Vivendo em uma cultura onde as imagens circulam com cada vez mais intensidade, uma ampla divulgação destas em comunidades digitais on-line ocorre em forma de narrativas visuais que veiculam informações diversas. Trazendo a percepção de Mirzoeff sobre Cultura Visual compreendemos que

experimentamos o visual por meio da cultura, por meio de construções simbólicas [...] os processos que constituem as visualidades que se manifestam como práticas da cultura visual resultam de aprendizados durante o curso de nossa vida social. Portanto, pensar o contexto local no qual estamos inseridos como parte de um universo cultural torna-se indispensável para qualquer análise que almeje aprofundar-se na compreensão de experiências visuais. (MIRZOEFF, 1998, p. 199, tradução nossa)

Nessa relação, a visualidade interpela pelo entendimento dos aspectos que regem sua aceção não limitando-se a caracterizá-la a partir do ponto do que é visto, mas de um conjunto de fatores que vão influenciar nossa forma de ver. Essa forma de abordagem abarca o complexo da visualidade, apontado por Mirzoeff, onde sua forma de apreensão da visão passa pela classificação, separação e estetização que, pensados juntos, caracterizam o termo atrelando a ideia da cultura visual. Para Campos (2013) a visualidade é o objeto de análise da cultura visual.

A representação que se realiza de algo ou determinada situação provém do olhar daquele que necessita retratar essa existência/imaginação através de uma forma de expressão. Essa relação que envolve as interações daquele que vê e aquele que realiza uma representação está imbricada em um sistema complexo que nossa mente realiza a todo o momento. De acordo com Ribeiro, nosso sistema psíquico

realiza um duplo trabalho: transforma percepções, externas e internas, em imagens e operações mentais, integrando-as sempre ao conjunto de registros já estruturados, ao mesmo tempo que modifica suas próprias estruturas de operação em função da entrada das informações no próprio sistema. (RIBEIRO, 2008, p. 29)

A autora destaca ainda que a imagem não está dissociada de outras formas de pensamento como uma compartimentalização em uma área do cérebro. Todo esse processo compreende encadeamentos de pensamentos que, apesar dessa visão holística, não dá conta de uma visão do objeto em sua totalidade, mas se associa a outras sensações que juntos ampliam o sentido do que se está sendo observado. A interpretação do que vemos é influenciada, ainda, pelas nossas vivências e experiências. A reelaboração dos processos vividos e experienciados nos permitem elaborar “um canal de autonomia diante do universo em que vivemos, junto aos nossos pares e, neste momento, nos tornamos sujeitos de nossa história, de nossa vida, de nossos sonhos, de nosso chão” (PORTO, 2021, p. 16).

Hoje, com o potencial de registro, criação, edição e divulgação de imagens, podemos pensar em novas formas de produção e compartilhamento de narrativas. Para além da perspectiva do texto como ato comunicativo, as narrativas aqui mencionadas se orientam a partir da composição dos registros imagéticos construindo o cenário do ato de narrar.

O complexo de ações que integram processos comunicativos como expressão constituída por discursos, entrevistas, relatos, transcritos, inscrições imagéticas, entre outros narram acontecimentos integrando um emaranhado de fios (LACERDA, 2014). As narrativas trazem o relato dos acontecimentos vivenciados, experimentados e imaginados.

Essas narrativas se utilizaram de um conjunto de códigos que desenharam a itinerância das situações trazendo ao público os sentimentos que afloraram nas relações

estabelecidas. Construídas com imagens e textos, as visualidades “constituem, no presente, alicerces vitais para a forma como comunicamos, construímos sentidos e representamos o que nos rodeia” (CAMPOS, 2013, p.49). Não tendendo para uma busca da análise da imagem ou do texto com uma implicação onde um anularia o outro, a construção do olhar trazida a partir de autores da cultura visual estudados, revelam o que Aguierre (2013, p. 298) nos mostra sobre essa dualidade.

Em uma posição intermediária entre o textualismo puro e a procura de um protagonismo estelar para a imagem, algumas das vozes mais autorizadas no terreno da cultura visual reclamam que o mais importante é indagar sobre novas formas de encontro entre ambos os dispositivos narrativos, sob o argumento de que existe uma estreita relação da visão com o mundo verbal, auditivo, emocional, físico, intelectual, espacial e histórico (ROGOFF, 1998 apud) ou enquanto “a dialética da palavra e da imagem parece ser uma constante na fábrica de signos que uma cultura tece ao redor de si mesma” (MITCHELL, 1987).

O mostrar através das imagens, através dos relatos. Uma mistura de composição de texto e imagem. Como Berino nos revela “quase sempre a escrita será a forma principal de expressão, embora não raramente com uma recriação da linguagem em que o texto produzido é também uma composição imagética, com adoção de signos e semânticas, que equivalem a um “texto desenhado” (2018, p.164).

As visualidades não se determinam como uma apropriação apenas pela linguagem não-verbal, mas relacionada a todas as formas de narrar que são estabelecidas e que tem no universo da imagem produzida e publicada uma expressão mais forte. Essa percepção vem sendo pensada e corroborada por autores que relatam usos de imagens e as visualidades às quais a narrativa vem atrelada.

A condição fluida do visual, a ubiquidade da imagem e sua capacidade para se transformar em uma ampla diversidade de meios e suportes (materiais e imateriais, analógicos e digitais) são características que levam o debate da cultura visual um passo além da mera discussão sobre qual repertório de artefatos visuais deve ser ou não considerados. (PLA, 2013, p. 154)

As imagens que o/a pesquisador/a visualiza se inter cruzam com os diversos olhares que possui a partir de suas experiências e vivências. A imagem como “ferramenta de investigação e a imagem como objeto de estudo” (CAMPOS, 2013) se hibridizam em um

processo em que o distanciamento e a familiaridade fazem de seu olhar um apanhado ao qual deixa-se permitir que as observações revelem as noções que ele venha a contemplar.

A partir dessa relação, o recorte que será feito para observar as visualidades na pesquisa dependerá do aspecto maior ao qual ela está compreendida. A depender do objeto de estudo e foco da pesquisa, esse cenário poderá incorporar aspectos históricos, sociológicos, culturais, educativos e econômicos que permitam a compreensão do recorte realizado. O próximo tópico traz o caminho percorrido na pesquisa com narrativas visuais realizada com jovens em ocupações estudantis secundaristas no Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa com jovens ocupantes

A partir dos estudos realizados e combinados nessa pesquisa, trago como campo de investigação metodológica a perspectiva *das narrativas visuais*². Atrelando a visualidade às ações engendradas através de recursos midiáticos conectados online, analiso as narrativas que se construíram nas páginas do *Facebook* entendendo-as como atos comunicativos que contam uma determinada ação, fato ou história.

As páginas das ocupações revelavam narrativas verbais e não-verbais que exprimiam desejos, repulsas, angústias, sentimentos que indicavam os anseios dos jovens ocupantes fazendo parte da cultura visual. Trazendo as falas de Hernandez, Pla explicita essa relação dizendo que “nem o texto explica a imagem nem a imagem ilustra o texto” (2007). Essa costura caminha em direção um entrelaçamento entre “imagem e o texto num espaço aberto, uma brecha no ‘conhecido’ que convida o leitor a continuar alinhavando reverberações” (PORRES, 2007 apud HERNANDEZ, 2013, p. 89). Completando o olhar para essa relação, Aguierre nos diz que

não se trata de olhar um objeto para se apropriar dele, mas de descentrar o olhar, reconhecendo que aquilo que é visto atua como espelho do sujeito que vê, gerando espaços de encontro e confrontação com “os efeitos que produzem em

² Trago, neste momento a descrição o enfoque das narrativas imagéticas e, no próximo capítulo, adentro a discussão das ações midiativistas imagéticas.

nosso sentido de ser aquilo que nos vê a partir de onde nos vê”. (KAPLAN, 1998 apud AGUIERRE, 2013, p. 296)

As representações que se faziam na rede mostravam não somente suas aspirações, mas traduziam uma identidade aferida através de uma cultura onde as imagens se fazem cada vez mais presentes no universo ao qual estamos imersos. Essa observação pode ser corroborada com as palavras de Miller *et al.*

actualmente o poder de intervenção na esfera pública não é exclusivo daqueles que detêm capacidade econômica e técnica para produzir imagens em termos profissionais. Cada vez mais há circuitos extra institucionais, minoritários e amadores que desafiam a hegemonia de alguns. As tecnologias digitais de produção de imagem tornaram-se bastante acessíveis, o crescimento explosivo da rede de internet e das tecnologias móveis, bem como a multiplicação de softwares e plataformas digitais de comunicação tornaram bem mais complexo o panorama da comunicação (áudio)visual. (apud CAMPOS, 2017, p. 6)

Os relatos encontrados nas páginas do *Facebook* eram formados através de uma linguagem característica com uso de mídias, hiperlinks, vídeos, fotografias digitais, *memes* e transmissões em tempo real que, acompanhadas, relatavam aqueles eventos através dos olhos de seus autores. As narrativas visuais estabelecidas nas páginas do *Facebook* das escolas ocupadas eram como Castells denomina de “núcleos de redes de comunicação com o mundo em geral e dentro das ocupações” (2013, p.140). E essa rede se formava a partir de “híbrido de formas de comunicação, tanto digital quanto face a face, baseadas na formação de comunidades, na interação interpessoal, na constituição de redes sociais e postagens pela Internet” (Ibid., p. 140).

A possibilidade de um indivíduo produzir e divulgar um conteúdo amplamente através da Internet utilizando-se de diferentes mídias se mostra como uma grandeza em potência para que ações como as desenvolvidas pelos jovens ocupantes das escolas ganhe visibilidade. Nesse contexto, corroboramos com a passagem de Campos ao dizer que “o universo *on-line* passa a coexistir como uma realidade paralela ao mundo *off-line*, sendo que estes tendem a alimentar-se mutuamente” (2012, p. 557).

Não apenas conteúdos digitais produzidos a partir de dispositivos, mas também aqueles que são transformados em digitais, como fotografias de eventos e cartazes. Todos

esses fazem parte da gama de narrativas que circulavam em um contexto de ambiência *on-line/off-line* naquelas ocupações.

O olhar da pesquisadora sofre influências nessa perspectiva de pesquisa ao qual tece olhares investigativos. Esse movimento híbrido em rede conecta o digital *on-line* ao espaço das escolas ocupadas entrecruzadas em diversas formas de comunicação. Assim como em diversos movimentos de ocupação que ocorreram pelo mundo, a ocupação das escolas secundaristas foi

amplamente encenada para ser expressa na mídia social, conectando-se dessa forma com a sociedade em geral. Há no movimento a prática constante de contar histórias. Todos tiram fotos e fazem vídeos, depois carregam-nos no Youtube e nos múltiplos sites de rede social. Esse é o primeiro tipo de movimento que conta todo dia sua própria história, com suas múltiplas vozes, de um modo que transcende o tempo e o espaço, projetando-se na história e alcançando as vozes e visões globais de nosso mundo. (CASTELLS, 2013, p. 141)

As experiências que os sujeitos contam retratam aquilo que eles pensam, se recriam, se transformam. Narrar com/através de imagens buscando aportes na cultura visual convém considerá-la como uma abordagem em

contínua transformação, na medida em que novas situações políticas, dilemas éticos, documentos históricos, viradas conceituais e novos objetos, artefatos e mídias, assim como ambientes de cultura visual e perguntas colocadas pela cultura visual, afetam nossos modos de visão (visualidade). (HERNANDÉZ, 2013, p. 78)

Nesse sentido, buscou-se nessa pesquisa compreender as imagens no sentido de interpretá-las através do olhar que as insere em um campo de visualidades. A pretensão aqui não foi analisar a imagem, mas o que “vemos e observamos” (Ibid., p. 79). O contexto ao qual a imagem estava inserida, a forma como ela foi abordada, os pontos que o narrador escolhe dar ênfase ou não configuram o olhar que a pesquisadora buscou ter ao investigar essas visualidades. Considerar a cultura visual “como objetos e artefatos visuais que nos rodeiam e com os quais interagimos” (Ibid., p. 80) enfatizando as relações que mantemos com eles foi o foco da pesquisa desenvolvida.

O texto articulado às publicações dos ocupantes não “fala sobre a imagem, mas a partir delas” (Ibid., p. 81) elucidando as marcas que a pesquisadora se propôs a rastrear na

pesquisa. Um estudo que não se limita a analisar a imagem ou que pretende apenas falar sobre ela, mas, através delas. Através do que a pesquisadora visualizava, enxergava, compreendia, dos olhares que estabelecia nas idas aos espaços ocupados, do que seu olhar interpretava, do que escutava, do que sentia.

O olhar para essas visualidades se misturava ao “trabalho de memória” (HERNANDEZ, 2013) onde buscava contextualizar as publicações aos contextos sociais e políticos em que as atividades da ocupação estavam se desenhando. Na tessitura da escrita da tese de doutorado é trazido o contexto das ocupações estudantis, suas demandas, suas mobilizações, suas pautas, suas motivações.

Desenhando esse cenário de contextualização da escrita dialogando com as imagens percebidas, foi realizada uma articulação aos processos de ocupação ocorridos pelo mundo. Destacou-se os principais acontecimentos, engendrando algumas ações e narrativas realizadas por jovens em outros contextos de ocupações. Dialogou-se com termo midiativismo (BRAIGHI & CÂMARA, 2018; GOMES, 2016; SODRÉ, 2018; PERUZZO, 2018) como forma de perceber essas relações que ocorrem com/através do uso das mídias digitais em rede. Essas foram as formas que se buscou, através desse processo de acionar a memória dos eventos, essas relações que contextualizam esse processo vivido pelos jovens.

Relacionou-se ainda a memória pessoal. A memória dos eventos que a pesquisadora presenciou, as escutas que realizou nas ocupações em que esteve. As escutas realizadas nos eventos abertos ajudavam na tessitura da narrativa que se construiu na pesquisa engendradas às narrativas visuais dos jovens ocupantes. O caderno de campo, uma memória escrita, utilizado como auxílio para essa retomada dos fatos vivenciados, que fizeram reviver eventos, acionando as longínquas observações realizadas e que talvez não pudesse ser lembrado.

Os áudios gravados contando a percepção do evento, do que se via naquele espaço e interpretava, utilizando o recurso da oralidade através do aplicativo instalado em seu dispositivo móvel. Um ‘áudio de campo’, essa voz digitalizada, um recurso prático acionado em alguns momentos tendo em vista que o narrar, por vezes, impele uma velocidade maior

de contar os eventos. Essa foi uma das maneiras encontradas para realizar esse registro de memória.

Entrelaçando-se ao objeto de estudo, buscou-se a forma de narrar desses jovens através das visualidades e perceber que a imagem e seus dizeres podem revelar “aquilo que permaneceria oculto e que tem a ver com o sentido da experiência e do aprender (ou não) a ser” (Ibid., p. 90) naquela vivência do espaço ocupado. Compreender o jovem através do estabelecimento de relações que estão além do currículo escolar. Jovens que se mostram no espaço das escolas, mas a ocupam de outra maneira a qual estamos habituados. Os relatos publicados nessas páginas do *Facebook* são geridos por eles, através deles sobre eles. As narrativas analisadas com/atraves de visualidades exploram as vivências desses sujeitos a partir do que eles relatam na interface digital on-line pesquisada.

As publicações das imagens, objeto de estudo da pesquisa, encontravam-se em plataformas digitais atreladas a narrativas textuais tecidas pelos participantes: as páginas de *Facebook* públicas das ocupações. É preciso compreender o indivíduo e/ou seu grupo social no contexto em que estão inseridos (KOZINETS, 2014). É necessário estudá-lo incorporando seus usos de Internet e as comunicações mediadas por computador em seu contexto cultural, já que os sujeitos utilizam a informação em suas ações pessoais na tentativa de responder a problemas específicos de seu dia a dia, participam e se posicionam em diversas comunidades on-line.

As tecnologias digitais, afirmam-se como protagonistas inquestionáveis de novas dinâmicas sociais e culturais que marcam decisivamente os contornos da visualidade contemporânea. O uso crescente das novas tecnologias digitais tem incentivado a produção individual de bens de natureza visual e audiovisual a uma escala até aqui desconhecida. (CAMPOS, 2012, p. 554)

Através dessas redes os jovens elaboravam “narrativas visuais, por processos e meios diversos, nas quais se evidenciam a capacidade de resistência, autoria e ação [...] construindo experiências de saber que lhes permitam não somente interpretar o mundo, mas também atuar nele” (HERNANDEZ, 2013, p.91).

A conectividade, em tempos atuais, tornou-se um fator que promove transformações nos nossos modos de vida. A utilização de dispositivos móveis digitais conectados em rede torna-se elemento fundamental nesses processos. Estabelecemos

laços a partir da comunicação que costuramos através das redes sociais digitais, já que, produzimos, divulgamos e compartilhamos informações emaranhando uma teia de significações nesses pontos costurados. Produzimos sentidos, deixamos rastros através de nossas interações. O *Facebook* é uma rede social que propicia que essas interações sejam realizadas.

Os caminhos que atravessaram a pesquisa passaram por um processo de investigação que incorreu à pesquisadora estar aberta às surpresas, às escutas, aos interstícios, aos sentidos, ao não pensado, ao incontrolável, aos achados. Nessa itinerância, acompanhando as publicações nas páginas e visitando os eventos nos espaços ocupados pelos jovens, percebia-se algumas questões que surgiam em seus dizeres em todas as ocupações visitadas.

Como forma de realizar um agrupamento das visualidades observadas, realizou-se uma categorização por temáticas. Alguns dos temas observados nas páginas e trazidos brevemente neste artigo foram: produção de cartazes, oficinas, cuidado e limpeza e agremiações.

Temática das visualidades narradas nas ocupações

Grafites, desenhos, riscos, rabiscos, pichações, cores, recortes e formas fizeram parte do cotidiano de expressões desses jovens. As imagens abaixo revelam uma fatia dessas visualidades investigadas na tese.

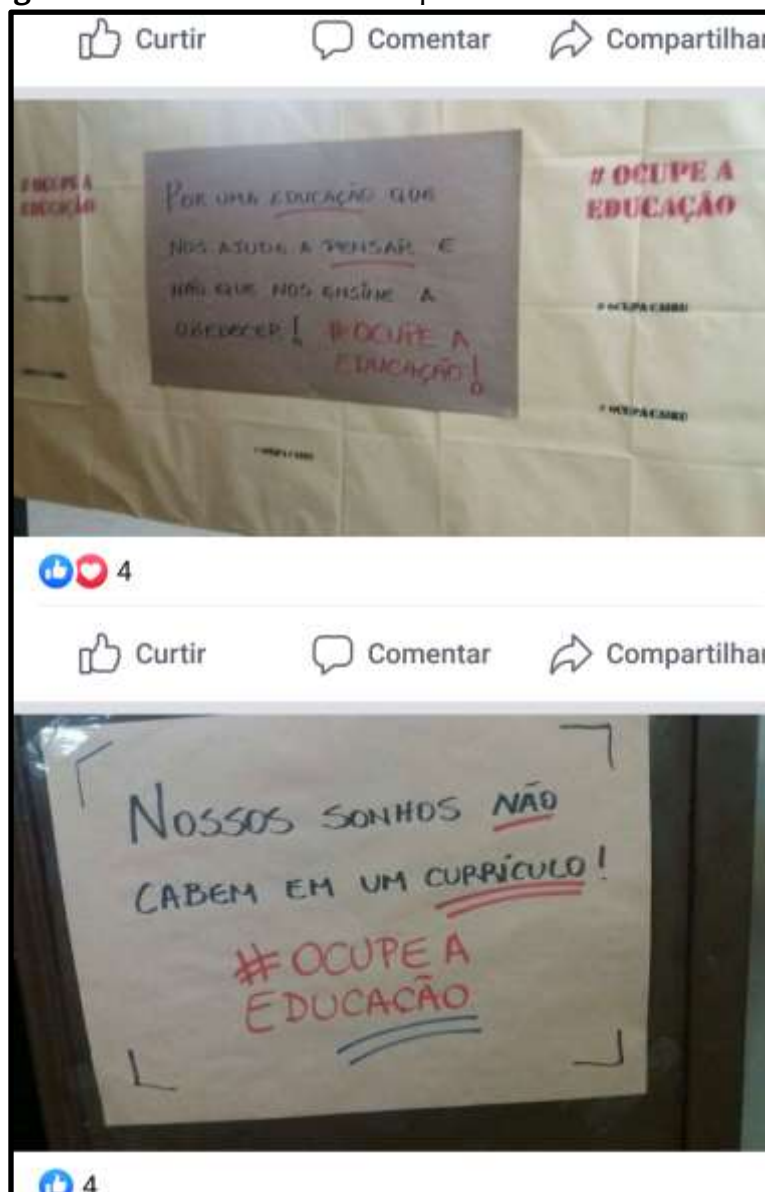
Figura 1 - Imagens³ retiradas das fanpages das escolas estudadas



Os cartazes feitos com materiais que são utilizados cotidianamente na escola são elementos riquíssimos e muito utilizados nas ocupações através de uma articulação direta, chamando atenção para as demandas do movimento. De diversas formas e formatos os cartazes apareciam em todas as páginas das ocupações. Eles eram fotografados e publicados nas páginas. Os jovens chamavam a atenção para esse artefato como um poderoso recurso utilizado em passeatas, nas escolas ocupadas e diferentes atos realizados por eles. Como um dos jovens revela em um diálogo, o simples fato de afixar um cartaz em uma parede já é uma forma de protesto.

³ Como forma de preservar a identidade das escolas ocupadas não trazemos o link que permite acesso às suas páginas no Facebook. Trata-se de fanpages de três escolas que tiveram seus espaços ocupados no período de dezembro de 2015 a janeiro de 2017 no Estado do Rio de Janeiro. Duas escolas localizadas na região metropolitana e uma escola em outra cidade a cerca de 70 km do grande centro do Rio de Janeiro.

Figura 2 - Cartazes afixados nas paredes de uma das escolas



Além de protestar, os jovens buscavam ainda, através desse artefato, informar os ocupantes e pessoas interessadas na ocupação sobre determinado assunto além de marcar visualidades identitárias nesse processo. Conforme eles realizavam os cartazes, eles personalizavam a seus estilos identificando a ocupação à qual faziam parte e, ainda, demonstravam os aspectos que caracterizavam a juventude localizada naquele lugar, naquela época em sua pluralidade e diversidade.

Seus desejos, emoções e anseios também puderam ser vistos nessas relações. O carinho pela escola que eles estavam ocupando, a relação que eles buscavam estabelecer

de respeito mútuo, a maneira de se organizar, os pensamentos que se expressam em textos escritos e imagéticos, reflexões que visavam tensionar questões, as citações de escritores que eles admiravam, os desenhos animados que assistiam e reproduziam inscritos à mão, tudo isso pôde ser encontrado nesses cartazes publicados nas páginas.

Nessas visualidades que ali se desenhavam, era percebido debates sobre a legitimidade de suas ações, a questão da minoridade, as ações desempenhadas por eles mesmos ('sozinhos' nesse processo) e o apartidarismo em seus atos. Essa relação era percebida nas falas dos jovens e nas inscrições que se revelavam nessas formas de visualidades.

Nas oficinas eles demonstravam o caráter educativo das ações desenvolvidas no dia a dia do movimento. Produzindo e trocando saberes, os jovens participavam, organizavam e promoviam atividades as mais diversas culminando em um pensar sobre a possibilidade de transformação do contexto de práticas educativas. O conservadorismo presente no currículo que é desenhado para eles, vinha se quebrando nesses atos que eles organizavam naquele momento. Uma nova agenda de possibilidades com novos coletivos construídos em uma ambiência de formação.

Figura 3 - Atividades desenvolvida nas ocupações



O espaço da escola sendo utilizado de forma diferente através de ações que são desenvolvidas para além das salas de aulas de diferentes formas. Salas de aulas que são transformadas em dormitório, cozinha, locais de armazenamento. Oficinas realizadas em quadras esportivas, pátios, corredores. A aula sendo ressignificada nesse contexto da ocupação. Ações redesenhadas pelos jovens com movimentos articulados que encaram em diversas expressões, maneiras de formações que integram o escopo educativo. O tempo e o espaço são transformados. Aquele tempo de aula com duração cronometrada, aquela sala de aula como o lugar comum, corriqueiro deixam de fazer parte da rotina desses jovens.

Práticas nunca experimentadas, assuntos talvez jamais tratados e debatidos, pautas que são pensadas e elaboradas por eles. As barreiras, normatividades e as imposições foram transpassadas. Os códigos e regras quebrados trazendo à tona as criações e recriações. Os pontos de vistas foram ressaltados em sua diversidade e debatidos em coletivo. Os campos de conhecimento foram atravessados, costurados, transpostos. Na prática, as disciplinas tiveram uma função determinada rompida. Suas características tradicionais em que o conteúdo integra a pauta principal se esvaem dando lugar a conhecimentos múltiplos e entrecruzados.

A relação estabelecida entre professor e aluno acontece de forma diferente. Professores de outras unidades escolares, de universidades, pesquisadores, oficinairos, promoveram encontros tratando de assuntos com temas variados nesses espaços. O movimento de ocupação sendo um momento de encontro entre diversas vozes que juntas almejavam formar, trocar, dialogar através de um caráter transformador e criativo.

O movimento veio a fortalecer o Grêmio estudantil. A discussão sobre as características do Grêmio, a importância de uma representação formalizada para atuação constante nas escolas se tornou um tema que perpassou pelas ocupações. Podemos pensar que as ocupações invocaram um novo ritmo àqueles ocupantes, um ritmo que não pode se dar apenas no espaço físico da escola, mas deve estar presente e atuante nas redes. Em suas palavras, alguns jovens disseram que não faziam sequer ideia de qual seria a necessidade de um Grêmio Estudantil. As ações realizadas ali, na ocupação, a partir de

um movimento crescente e que vinha se propagando pelas escolas do país, estabeleceram uma nova conexão entre a atuação dos jovens naquele espaço escolar.

O cuidado com o espaço da escola era percebido nas visualidades veiculadas e nas visitas realizadas nesses espaços pela pesquisadora. Os jovens solicitavam doações alimentícias e, ainda, materiais que pudessem revitalizar a escola. Produtos de limpeza, artefatos de obra, materiais de pintura e conservação eram arrecadados pelos jovens como forma de promover uma mudança no visual da escola. Era comum ver nas páginas postagens em que eles, de alguma forma, buscavam transformar esses ambientes. As imagens abaixo revelam essa interação com o ambiente.

Figure 4 - Jovens cuidando das dependências da escola



Os jovens dessa ocupação promoveram ações de limpeza e reutilização de materiais no espaço. Eles aproveitavam bastante a área externa ao prédio. Plantio de mudas, cuidado com o jardim, manutenção do gramado, entre outras ações. Nesse período de ocupação eles faziam a gerência desses lugares. As marcas de suas aspirações, representações e desejos se inscreviam para nessas ações. A imagem abaixo retrata essa relação.

Figure 5 - Cartaz confeccionado por jovens de uma das ocupações



Nessa ambiência formativa que foi sendo construída nas visitas realizadas às ocupações, percebia que quando os jovens tinham a oportunidade de se expressar em muros, paredes, folhas de caderno, mesa, quadro, faixas, portas de banheiro, lixeiras e outros recursos, eles exteriorizavam, através de inscrições características da juventude, seus anseios, desejos e impulsionamentos.

A militância desses jovens se fazia, durante todo o processo de ocupação, através de atividades artísticas como forma de manifestação. A diversidade sendo pensada por todos e todas nesses espaços dialogando com questões identitárias e seus diferentes atores sociais. As imagens ocuparam esses cotidianos com seus relatos. Um repositório onde várias imagens compuseram o narrar de suas ações.

Essas atividades foram engendradas com imagens como forma de propulsão do movimento. Um narrar que não se resume ao uso de uma linguagem verbalizada, mas que transborda em um complexo de composição onde gráficos, textos, prints, e todo o aparato que os olhos se fixam, é interpretado e perfaz uma cultura do visual.

Caminhos investigativos finais

Os movimentos realizados pelos jovens constroem o que na pesquisa foi caracterizado como narrativas midiativistas imagéticas. Esse termo busca abarcar as narrativas que se utilizam das imagens compondo diferentes linguagens que a contextualiza de maneira ativista e atreladas às mídias digitais. Esse movimento demonstrou o estabelecimento de uma

conexão entre mídia social da Internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional que se tornou possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano. (CASTELLS, 2013, p. 56)

Em consonância com um grupo, ou através de uma escolha mais individualizada, esses recortes realçavam, nessas trocas, a profundidade de mostrar o que acontece naquele espaço, através de imagens, vídeos, textos e outras linguagens, do estar ali participando, daquele que está presente, engajado na luta. E revelou ainda uma expressão por “desejos de partilha, de expressão e de participação, oferecendo uma imagem menos redutora do indivíduo contemporâneo comparado ao consumidor fanático” (Ibid., p. 79). Estas ações implicaram, desse modo, em ‘interações múltiplas’ (Ibid.), onde a busca por expressão e participação se apresentam na rede.

O caminho metodológico construído buscou a partir do entendimento da Cultura Visual pensar que as construções das narrativas estabelecidas se davam em um contexto de visualidades. Refletindo sobre/atraves da imagem como todo o constructo que é percebido através do olhar e que se entremeia de textos, gráficos, prints, telas, riscos e inscrições, a pesquisa dialogou com as vozes dos estudantes para compreender essas relações.

Diante do contexto apresentado sobre a construção da pesquisa doutoral realizada, este artigo suscita os caminhos trilhados na pesquisa e traz os questionamentos que impulsionaram a pesquisadora em sua construção. Qual foi o impulsionamento que lança o olhar da pesquisadora sobre o objeto da pesquisa? Por que a ocupação seria um motivo de pesquisa? Com que problemática estaria a pesquisadora se confrontando para

pensar a ocupação na escola e por que pensar esse movimento pelas redes sociais? Como delimitar um objetivo e questões para estudo e pesquisa nesse contexto? Como pensar a constituição do sujeito que pesquisa e investiga? Como direcionar este olhar? Qual seria o papel da visualidade e como perceber esse aspecto nas páginas da ocupação das escolas?

Essas foram questões que para além de buscar responder, suscitaram o olhar investigativo sobre o objeto escolhido a ser pesquisado e que apontou para pensar a pesquisa com narrativas visuais como possibilidade de itinerância metodológica de pesquisa.

Referências

AGUIERRE, Imanol. Reflexividade e desafios na pesquisa com jovens produtores de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, p. 291-320, 2013.

BRAIGHI, Antonio Augusto; CÂMARA, Marco Tulio. O que é midiativismo: uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antonio Augusto; LESSA, Claudio Humberto; CÂMARA, Marco Tulio (Orgs.). **Interfaces do midiativismo**. Belo Horizonte: CEFET – MG, p. 25-42, 2018. Disponível em: <<https://interfacesdomidiativismo.wordpress.com/>> Acesso em 02 ago. 2018.

BERINO, Aristóteles. A escola vivida no YouTube: Imagens, presenças e fulgurações juvenis. In: VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs.). **Educação e audiovisualidades**. Curitiba: Appris, 2018. p. 159-172, 2018.

CAMPOS, Ricardo. A pixelização dos muros: grafitti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 543-566, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12338>> Acesso em 07 dez 2019.

_____. A cultura Visual e o olhar antropológico. **Revista Visualidades**, Goiânia, v. 10, n.1, p. 17-37, jan./jun., 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083>> Acesso em 12 nov. 2019.

_____. **Introdução à Cultura Visual: abordagens e metodologias em Ciências Sociais**. 1 ed. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, v. 13, n. 2, mai./ago. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/22253/14176>> Acesso em 25 set. 2018.

HERNANDÉZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, p. 77-95, 2013.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. **Revista Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 49-75, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/03.pdf>> Acesso em 20 jul. 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. What is visual culture? In: MIRZOEFF, Nicholas (Org.). **The visual Culture Reader**. London: Routledge, p. 3-14, 1998.

MITCHELL, Willian John, Thomas. **Iconology: Image, text, Ideology**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

PERUZZO, Cicilia. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHT, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, p. 43-61, 2018.

PLA, Alfred Porres. Conversações na aula de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em educação**. Editora UFSM: Santa Maria, p. 154-178, 2013.

PORTO, Bernadete de Souza. Por uma didática crítica e lúdica. **Cenas Educacionais**, v. 4, n.e10658, 3 fev. 2021. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/10658>> Acesso em 06 jun. 2021.

RIBEIRO, Flavia Nizia da Fonseca; PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo; MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. Jovens em jogo: jogando para construir e refletir. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, n. 17, set./ dez. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4515>> Acesso em 25 jul. 2018.

SODRE, Muniz. Prefácio. In: Interfaces do midiativismo. BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 21-23. Disponível em: <<https://interfacesdomidiativismo.files.wordpress.com/2018/06/e-book-interfaces-do-midiativismo1.pdf>> Acesso em 23 jan. 2019.